

MULHERES NEGRAS E A ESCRITA INDEPENDENTE ESCREVIVENTE

Alessandra Augusta Lima dos Santos ¹

RESUMO

A Residência Artística "A Autora Sou Eu" foi uma formação realizada em novembro de 2023, em Natal/RN, voltada para mulheres autodeclaradas negras e pardas, com classificação etária a partir dos 18 anos de idade. Como objetivo, tínhamos a premissa de possibilitar um espaço voltado para processos de escrita de textos dramáticos, cenas curtas e livres, a partir das temáticas: memória, ancestralidade e escrevivência. A 1ª edição da Residência Artística teve projeto incentivo do Edital de Economia Criativa do Sebrae RN 2023, destinou um número de 25 vagas e teve carga horária de 40h de forma híbrida. Nos encontros houveram práticas corporais e de escrita, compartilhamentos diários, exercícios voltados para a investigação de si e apreciações de escritos de autoras como Bell Hooks (2020), Conceição Evaristo (2016) e Djamila Ribeiro (2017). Percebemos nos depoimentos de quase todas as mulheres presentes, episódios de racismo, machismo, misoginia e outras desigualdades sociais. Dessa forma, convidamos as mesmas a utilizarem essas histórias para criar, recontar, reescrever, num tempo presente-futuro em que irá haver o empoderamento, a valorização da auto-estima da mulher negra entre tantas outras questões de ganhos sociais. Por fim, algumas participantes se dispuseram a se abrir com seus escritos e deixá-los mais livres entre a turma e outras não se sentiram à vontade para compartilhar seus escritos criativos. Como resultados desse trabalho de facilitação à escrita, tivemos um número de 17 mulheres que finalizaram o processo e algumas dessas continuaram pela busca da escrita no campo artístico.

Palavras-chave: Autoria Feminina, Mulheres negras, Escrevivência.

INTRODUÇÃO

Do ponto de vista hegemônico, podemos compreender que se o “ator é o gerador do acontecimento teatral” (DUBATTI, 2016, p. 175). É inegável que, no teatro ocidental, o dramaturgo ainda detém posição de destaque. A autoria de uma obra, geralmente associada ao nome de um/a escritor/a do texto teatral, lhe confere um lugar de poder. Afinal, assinar a escrita de uma dramaturgia, roteiro ou direção de uma composição artística é como criar a espinha dorsal de uma história a ser contada. Nesse sentido, Pavis (2017, p. 46) destaca que

Todas as pesquisas das ciências humanas e da teoria literária e teoria teatral estruturalista, desenvolveu-se com esse afastamento do autor. Uma grave suspeita continua a pesar sobre o autor como controlador do texto dramático,

¹ Mestranda do do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/PPGARC, alessandraaugusta.teatro@gmail.com.



mas também, mais recentemente, quanto ao espetáculo, sobre o encenador considerado como o autor da *mise en scène*.

Para ele, no teatro ocidental, ainda que durante o século XX a ascensão do encenador ou da performance como linguagem tenha desestabilizado a supremacia do autor do texto, este ainda goza de posição de destaque, não deixando de encabeçar a produção da obra. No caso do teatro brasileiro, observamos que a consolidação do teatro moderno em meados do século XX fortalece, numa hierarquia de valores, a figura do autor, como se vê no caso de Nelson Rodrigues, e do diretor, assumindo este a assinatura da encenação.

Sob a perspectiva da teoria decolonial, atualmente são potencialmente significativas as criações cênicas em que mulheres negras assumem o lugar de dramaturgas, função que poucas vezes lhes é confiada. Trata-se também de ocupar um lugar de poder. Stéphanie Moreira (2021, p. 171) afirma que “por muitas razões histórico-políticas, a inserção coletiva de mulheres negras nos espaços de produção de conhecimento científico precisa ser uma questão política. Essa inserção nos é apresentada pelas mais velhas como uma necessidade”.

Temos como premissa a necessidade de representatividade da produção autoral da mulher negra no contexto das artes cênicas, realizados na cidade de Natal, RN. Se organizarmos um levantamento do trabalho de mulheres escritoras e dramaturgas na cidade, poucas encontraremos, tratando-se da mulher negra em si, esse número diminui bastante. Então por quê quase não vemos dramaturgas negras ocupando cenas ou páginas de livros?

Dessa forma, propomos aqui uma breve análise da execução da 1ª edição da Residência Artística “A Autora Sou Eu”, de idealização da produtora cultural que vos escreve, sendo essa edição realizada em novembro de 2023, projeto aprovado no Edital de Economia Criativa do Sebrae/RN² com 40h de duração e planejada em formato híbrido com aulas presenciais no teatro da Casa da Ribeira em Natal, RN e na plataforma *google meet*, conforme o cartaz de divulgação em seguida.

² Edital lançado desde o ano de 2015 pela iniciativa privada, com incentivo ao fomento da cultura viabilizada pelo Sebrae/RN. <https://material.rn.sebrae.com.br/economiacriativa>



Figura 1: Cartaz de divulgação da Residência Artística “A Autora Sou Eu”



Fonte: acervo do projeto.

A residência objetivou ser um espaço voltado para processos de criação de textos dramáticos e ou cenas curtas, a partir das temáticas: memória e ancestralidade, do público alvo que são mulheres autodeclaradas negras e pardas, a partir dos 18 anos de idade.

Essa análise busca compreender em que ponto a experiência da residência artística pode ser um facilitador para processos de criação de escrita autoral de mulheres negras e pardas, a fim de ESCREVIVER num tempo presente e futuro como uma prática de contar-se e recontar-se no campo das artes, possibilitando a formação do sujeito criador. Sendo assim, compreendemos que a arte emerge como forma de

entender o corpo social em que vivemos e permite a constituição de protagonistas que apontem para novas perspectivas de uma sociedade mais justa e igualitária.

METODOLOGIA

Como metodologia neste trabalho, voltamos aos relatórios de atividades, diários de bordo, relatório de mídias e imprensa, a fim de revisitar os dados produzidos com a residência artística. A duração de 40h de carga horária da residência, tinha como premissa a realização de aulas expositivas/teóricas e práticas. Na primeira parte contemplamos a apresentação da ementa da residência, apresentação das participantes, introdução sobre o tema e sobre o nome da residência, até chegar na segunda parte, que foi mais prática, em que trabalhamos jogos teatrais, com a finalidade de soltar o corpo e ativar memórias com também promover o bem estar, até a prática da escrita sobre si com base nas memórias ancestrais de cada uma. Convidamos as participantes para tentarem relacionar o tema da residência com alguma memória autobiográfica. Nesse momento da residência, as participantes, que são mulheres negras e pardas, dão início ao exercício da Escrivivência, produzindo escritas autorais sobre familiares antepassados e em alguns casos, a ficcionalização dessas memórias.

Após as horas dedicadas para a escrita, sempre fazíamos uma conversa com as participantes com a finalidade de compreender sobre a produção dos textos e sobre as impressões, apontamentos sobre o processo, sobre a troca com outras mulheres e com as histórias contadas das antepassadas que tinham pontos que se pareciam.

REFERENCIAL TEÓRICO

Podemos compreender a teoria decolonial, segundo Nascimento (2021), como uma via teórica e prática de desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostas aos povos colonizados há séculos, além de perfazer ainda uma crítica radical à modernidade e ao capitalismo. Desde o ano de 2016, a decolonialidade é um dos temas que permeia as bases de pesquisas e trabalhos artísticos da autora deste projeto de pesquisa, artista independente, graduada em Licenciatura em Teatro pela UFRN, atriz e produtora cultural, com atuação há mais de 10 anos na cidade de Natal, RN. Alguns desses trabalhos são os artigos de finalização dos cursos de graduação (UFRN) e especialização (IFRN): *Pele Preta, Lousa branca: Análise de um Processo de Escrita*



Dramatúrgica Autoral como Prática Emancipatória (2022) e Estudo de Caso de uma Aula Experimental Decolonial (2024) e os projetos culturais: o podcast “Darluz, uma mãe que dá destino” (2021), a Residência Artística “A Autora Sou Eu” (2023-2024) e o Festival Cinema Negro “Ancestralidade como Potência” (2024).

Tratar sobre temas que envolvem a negritude, práticas antirracistas é como uma escolha de vida. Partimos da premissa em prol da valorização da pessoa negra e, mais especificamente, da mulher negra na sociedade. Esse desejo de pesquisa afirmado aqui, foi compreendido a partir da leitura de Ribeiro (2017, p. 79) em que afirma-se:

Falar, muitas vezes, implica em receber castigos e represálias, justamente por isso, muitas vezes, prefere-se concordar com o discurso hegemônico como modo de sobrevivência? E se, falamos podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar? Numa sociedade supracista branca e patriarcal, mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays podem falar do mesmo modo que homens brancos cis heterossexuais? Existe o mesmo espaço de legitimidade?

Djamila Ribeiro provoca questionamentos sobre o lugar de legitimidade que cada ser humano ocupa na sociedade. Para isso, faz comparações entre as pessoas brancas e negras, cis e trans evidenciando que os cotidianos de cada pessoa no mundo são únicos. Dessa forma, a leitura de sua obra orienta e situa o meu lugar de fala enquanto mulher negra de pele mestiça, cis e lésbica, filha de mãe negra e pai branco. Ribeiro me leva a compreender que a mestiçagem ocorrida nesse país me permite, de certa forma, mais facilidade de entrada em alguns locais, mais oportunidades em relação ao mercado de trabalho do que aquelas acessíveis a uma mulher negra de pele retinta, por exemplo.

Ressaltamos que este projeto compreende em sua feitura, uma prática decolonial, quando objetiva tratar sobre a autoria de mulheres negras. A construção que colocamos aqui, é que a mulher negra ocupe esse lugar que permite tratar com mais propriedade as experiências e memórias vivenciadas pelas mesmas. Consideramos essa prática como uma experiência emancipadora, como escreve Grada Kilomba (2008),

Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se, e enquanto escrevo, eu me torno a escritora e a narradora de minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou.



Com Kilomba, compreendemos os mais diversos episódios de racismo estrutural e ao mesmo tempo nos alimentamos das leituras de Conceição Evaristo no romance Ponciá Vicêncio (2020) e em Olhos d'água (2016) que apontam para uma direção possível:

Ponciá Vicêncio sentada no cantinho perto da janela, em seu maturar, acabou esquecendo o grande propósito, com o qual levantará naquela manhã. Tinha esquecido firmemente deixar o pensar e ir à luta, dar um jeito na vida. Mas nem se deu conta, nem percebeu o momento exato em que se assentou ali, antes mesmo do primeiro gole de café, e começou a buscar na memória as coisas, os fatos idos. Lembrou-se da fala de Nêngua Kainda, quando esperançosa, tinha voltado ao povoado em busca da família. Nêngua lhe havia dito que em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança, que Vô Vicêncio tinha deixado para ela, seria recebida. Ponciá ouvia esta conversa desde pequena. Que legado do avô seria pertença dela?

Em sua literatura, a autora apresenta um mundo em que as mulheres negras carregam suas dores, mas também são felizes, amadas e bem sucedidas. “A obra se constrói, então, a partir de “rastros” fornecidos por aqueles três elementos formadores da escrevivência: corpo, condição e experiência” (OLIVEIRA, 2009). Entendemos a escrita provocadora de Conceição como uma forma de ensinamento, um movimento de impulsionamento de uma escrita que cria possibilidades de reinvenção.

Na tentativa de encontrar lugares de “parecença”, como diz Evaristo na obra *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), nesse trabalho, também nos questionamos sobre a relevância da ancestralidade na construção de trabalhos de artistas negros(as), percebendo suas potencialidades, por exemplo, Teatro Experimental do



Negro (TEN)³, Onisajé⁴, Stéphanie Moreira, Naara Martins⁵, Maria Flor⁶, Wisla Ferreira⁷ e Mônica Santana⁸, são exemplos de multiartistas que desenvolvem seus processos criativos, através de experiências ancestrais como base para a produção de conhecimento, tanto de forma textual como em processos artísticos na área da performance, do audiovisual e do teatro.

Na realização da 1ª edição da Residência Artística “A Autora Sou Eu”, em novembro de 2023, houve muitos depoimentos das mulheres participantes que envolveram episódios de racismo, machismo, relatos pessoais, histórias marcantes, histórias de amor, de trabalho, de rejeição, de encontros, de violência e de conquistas também. Durante as práticas da residência, fizemos estímulos com exercícios de escrita rápida, prática corporal e convidamos essas mulheres a utilizarem as próprias histórias, na maioria das vezes, histórias de dificuldade, para criar, ficcionalizar, recontar, reescrever, num tempo presente e futuro em que irá haver o empoderamento, a valorização da autoestima da mulher negra entre tantas outras questões de ganhos sociais.

³ Disponível em <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/teatro-experimental-do-negro-ten>.

⁴ Yakekerê (segunda yalorixá) do Ilê Axé Oyá L’adê Inan, localizado em Alagoinhas (BA), Fernanda Júlia Onisajé/BA é encenadora-fundadora do Núcleo Afro-brasileiro de Teatro de Alagoinhas (NATA). Mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Onisajé é dramaturga e pesquisadora das religiões de matrizes afro-brasileiras com foco no candomblé de ketu. Dirigiu o espetáculo Pele Negra, Máscaras Brancas, uma dramaturgia de Aldri Anunciação, com base na tese de Franz Fanon e com o elenco da Companhia de Teatro da UFBA.

⁵ Naara Martins (1991), Mestre em artes cênicas pela UFRN em sua pesquisa “A gente combinamos de escrever: poéticas pretas e modos de autopotência na criação em artes cênicas afirma que a escrita da mulher negra são “ficções reais que tocam dentro e fora de cena” (Martins, 2020, p. 21).

⁶ Maria Flor, atriz, cantora e pesquisadora, conta como se deu o processo para construção de duas personagens, no qual partiu de memórias de sua avó paterna. Era um espetáculo chamado “Fogo do Monturo”, se valia das premissas do teatro ritual [...] “minha avó Djanira fazia uma enorme fogueira no quintal para poder cozinhar. Uma imagem muito ancestral daquela mulher preta de cócoras abanando e alimentando o fogo, para que a labareda durasse o tempo necessário para a feitura do alimento”. (Freitas, 2020, p.82)

⁷ Mestre em Artes Cênicas pela UFRN, Wisla Ferreira (1993) volta seu olhar para “Pirigo”, sua tetravó, na construção de um trabalho híbrido, que dialoga com a performance e o audiovisual de maneira muito particular, onde a artista propõe as poéticas do corpo-encruzilhada percebidas durante sua pesquisa em Natal, RN e Cuité na Paraíba.

⁸ Mônica Pereira de Santana, autora de: Mulheres Negras: (auto) - (re)invenções devires e criação de novos discursos de si nos corpos de criadoras negras. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2021.



Compreendemos que o processo de convite à escrita, que exercemos na residência, foi de alguma forma uma abertura para pensar o lugar da autoria feminina negra no campo da escrita, facilitando caminhos para que as mulheres participantes, venham a compreender a potência que suas memórias ancestrais carregam e precisam por vezes, serem recontadas ou reescritas por elas próprias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados desse trabalho de facilitação à escrita, de forma mais quantitativa, tivemos um número de 17 mulheres que finalizaram o processo e algumas dessas continuaram pela busca da escrita no campo artístico, conforme a imagem a seguir:

Figura 2: Registro de foto das participantes da residência.



Fonte: acervo do projeto.

Acreditamos que o processo de experiência artística dessa residência facilitou de alguma forma, os processos criativos das participantes, tivemos inscritas, mulheres escritoras, professoras, atrizes, bombeiras militar, designer gráficos, assistentes sociais,



cientistas sociais, pesquisadoras, trabalhadoras da área da saúde e que compartilharam de seus trabalhos dentro da arte ou não, partindo do mote criador, eixo central desse trabalho, a ancestralidade como potência. Os números ainda se mostram positivamente nesse projeto, no que se refere ao alcance de público nas mídias digitais e na imprensa, tivemos um alcance de 744 pessoas que curtiram, 18 compartilhamentos espontâneos nas postagens nas mídias do projeto e 13 matérias divulgadas em jornais, sites, blogs de cultura e rádios na cidade de Natal que colaboram para a comunicação do projeto, de acordo com a figura abaixo:

Figura 3: Print da matéria jornalística da divulgação da residência



A FONTE POLÍTICA CIDADES NO GRANDE NORTE FÉLICIA ESPORTE BRASIL FAMOSOS

Natal terá residência artística “A Autora Sou Eu” para mulheres autodeclaradas negras e pardas

Por Redação - 30 de outubro de 2023 - 11:00

Facebook Twitter YouTube LinkedIn Instagram



RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

A AUTORA SOU EU

COM ALESSANDRA AUGUSTA - ATRIZ/PRODUTORA

Para mulheres auto-declaradas negras ou pardas a partir dos 18 anos de idade.

PRESENCIAL:
De 8.9.10.33.14 a 14.11.2023
Das 17h às 20h
CASA DA RIBEIRA

ONLINE:
De 20 a 24/11/2023
Das 17h às 20h

Se você gosta de teatro, é mulher que se autodeclara negra ou parda, atriz ou não, e tem mais de 18 anos de idade e quer experimentar a prática teatral, partindo de temas como a memória e ancestralidade para escrita criativa autoral e criação de cenas curtas, o momento é agora. Em Natal, será realizada a partir do dia 8 de novembro, na Casa da Ribeira, a Residência Artística “A Autora Sou Eu”, com Alessandra Augusta, atriz, graduada em licenciatura em teatro (UFRN) e produtora cultural.

Aprovado pelo Edital de Economia Criativa do Sebrae RN 2023, o projeto tem inscrições gratuitas, mas as vagas são limitadas. A Residência Artística “A Autora Sou Eu” terá 25 mulheres participantes durante o período de 40h (20h presencial, 20h online e estudos individuais), no qual haverá o compartilhamento de processos, trocas diárias, exercícios voltados para a investigação de si na relação com o mundo, estudos e apreciações de autoras de diversas áreas que tratam da mesma temática.

O projeto compreende uma prática decolonial, quando objetiva tratar sobre a autoria das mulheres negras no cenário do teatro local. “A construção que colocamos no projeto, é que a mulher negra ocupe este lugar que permite tratar com mais propriedade as experiências e memórias vivenciadas pelas mesmas”, explica Alessandra Augusta.





Fonte: Blog A Fonte.

Na tentativa de entrecruzar histórias de vida e ficção, trazemos aqui um trecho do texto teatral, escrito pela autora participante da residência artística, Jinarla Pereira Silva



da Cruz, 30 anos, natural de João Pessoa/PB. Ela nos apresenta a personagem Adelice, nome que intitula a figura de sua avó materna no monólogo, conforme descrito abaixo:

Adelice: Ontem tava falando com Josa, não é que a filha dela agora tá inventando de fazer teatro? quem diria! Ela tá agora mesmo em Natal, segundo ela tá lá estudando num sei o que. Agora queria saber se o que tem em Natal não tem por aqui, né? Perguntei a ela o que era que tava estudando, eu nem lembro mais, era algum experimento. Sei não... Teatro do experimento, como era meu deus? Sim, era teatro do experimento negro, teatro experimental negro, sei não que história é essa. Ela agora tá com essas invenção, na minha época não tinha nada disso. Ela já me perguntou até meio mundo de coisa, quis saber quem era o povo negro da família, é as invenção dela. Perguntei a Josa quando que ela ia sair na novela, mas acho que estudando essas coisas eu acho que ela não sai não né? Sem futuro. (CRUZ, 2023).

Percebemos no trecho acima que Jinarla, escreve sobre a percepção da avó pela neta, no fragmento observamos ainda que “Adelice” cita a figura de “Josa” que compreendemos ser a mãe de Jinarla e a “filha de Josa”, que é a pessoa de Jinarla, que estuda teatro e trabalha a partir da perspectiva do Teatro Experimental do Negro⁹ em suas ações. Durante as aulas finais da residência, realizamos algumas avaliações, conversamos com as participantes e Jinarla, descreveu esse processo de escrita das memórias ancestrais de forma cíclica, ficou perceptível na fala de Jinarla que tanto a avó quanto a mãe, viveram realidades muito difíceis, para que Jinarla, atualmente na fase adulta pudesse exercer um pouco mais de autonomia no mundo.

⁹ Fundado no Rio de Janeiro, em 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN), surgiu a partir da ação do ator Abdias do Nascimento juntamente com a colaboração de pessoas amigas na época. O grupo era composto por Lamar Bastos, Léa Garcia, Manoel Antônio, Tião, Zeni Pereira e Abdias do Nascimento. A primeira montagem do grupo foi “O Imperador Jones” texto de Eugene O’Neill encenado pelo TEN, em 1945. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399330/teatro-experimental-do-negro-ten> Acesso em: 10 out. 2025.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos a residência, nos primeiros dias algumas participantes comentaram sobre a necessidade de realização de tal formação no campo do teatro para atrizes e não atrizes na cidade. Falaram da vontade que tinham em participar de uma experiência como essa e poder se sentir no lugar de acolhida.

Basicamente em todos os dias de aula, reunimo-nos em formato de roda no palco da Casa da Ribeira e houveram muitos relatos pessoais, compartilhamentos de histórias marcantes e bonitas das mulheres ancestrais das participantes. Histórias de amor, de trabalho, de rejeição, de encontros, de superação, de violência e tristes também. Muitas se emocionaram e aos poucos foram se abrindo para o trabalho. Algumas do grupo eram mais falantes, outras mais observadoras, mas todas trilharam uma trajetória bonita na residência, com compartilhamentos de ensinamentos e narrativas de vida. Episódios de racismo, machismo e outras desigualdades, eram notórios nos depoimentos de quase todas as mulheres presentes.

Por fim, consideramos que o convite para exercer a escrita autoral com base na Escrivivência, nesse processo de experimentação e também formação, foi um caminho possível para que as mulheres participantes compreendessem que elas podem exercer a autoria de suas próprias histórias, a autonomia para exercer uma escrita que conte sobre o ponto de vista de quem viveu.

REFERÊNCIAS

DUBATTI, Jorge. **O teatro dos mortos: introdução a uma filosofia do teatro.** (Tradução de Sérgio Molina), São Paulo: Edições SESC/SP, 2016, pp. 174-181.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2016.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2020.

EVARISTO, C. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.



FERREIRA, Wislayne Pontes de Souza. **OID'ÁGUA: A água em atmosfera de ataque" Poéticas do corpo-encruzilhada em performatividade.** Monografia do Curso de Licenciatura em Teatro da UFRN. Natal, 2021.

FREITAS, Glênia Maria da Silva. **Memórias Incendiadas: Trajetória de uma mulher no espetáculo Fogo de Monturo.** Revista Manzuá, Natal, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/20628/12974> Acesso em: 25 de setembro. 2025.

NASCIMENTO. E, O. **Colonialidade, modernidade e decolonialidade: da naturalização da guerra violência sistêmica.** [s.l]: [s.n], [19--]. Disponível em: [file:///d:/downloads/karolinecarula,+5.emerson+oliveira+do+nascimento+\(1\).pdf](file:///d:/downloads/karolinecarula,+5.emerson+oliveira+do+nascimento+(1).pdf). Acesso em 08 de setembro de 2025.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano.** Berlin: Editora Cobogó, 2008.

MOREIRA, Stéphanie Campos Paiva. **Nêgua Vó: o ventre que pariu o tempo.** Tese de doutorado do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos – Pós Afro. Salvador, 2021.

OLIVEIRA, L. H. "Escrevivência em Becos da memória" de Conceição Evaristo. Universidade Federal de Minas Gerais. **Estudos Feministas.** Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>. Acesso em: 05 agosto de 2025.

PAVIS, Patrice. **Dicionário da Performance e do Teatro Brasileiro.** Editora Perspectiva, 1ª edição. São Paulo, 2017.

RIBEIRO. D. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017.

SILVA, Gisele Oliveira da. **Escrevendo o Eu, Construindo o Nós: o Tornar-Se em Escrevivências no Blogueiras Negras.** Dissertação de Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologia da Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, GO, 2023. Acesso em: 12 de outubro de 2025.

